



©2021, Márcio Grings | Memorabilia Store

**Título:** Quando o Som Bate no Peito

**Editor/autor:** Márcio Grings

**Diagramação de texto:** Paulo Teixeira

**Capa e projeto gráfico:** Giovani Faganello e Márcio Grings

**Direção de arte:** Giovani Faganello

**Desenho do logo:** Henrique Pivetta

**Textura de fundo da capa:** Freepik (freepik.com)

**Foto da aba esquerda:** Ton Müller (Público)

**Foto da aba direita:** Pablito Diego (Autor)

**Foto do marca página:** Cris Santoro (Robert Plant)

**Fotos da capa:** Adriana Franciosi/Agência RBS (Bob Dylan), Fábio Codevilla (Ozzy Osbourne), Fabiano Dallmeyer (Deep Purple), Ericson Friedrich (Aerosmith), Ton Müller (The Rolling Stones) e Lauro Alves/Agência RBS (Paul McCartney)

**Fotos da contracapa:** Rafael Cony (Ian Astbury), Camila Gonçalves (Steve Hackett), Fábio Mattos (Eric Clapton), Zé Carlos de Andrade (Jack White), Juliana Pozzatti (Roger Hodgson), Yuri Weber (Adam Lambert), Cris Santoro (Robert Plant), Ana Bittencourt (Pat Torpey), Gika Oliva (David Gilmour), Carlos Macedo/Agência RBS (Chrissie Hynde), Isadora Neumann/Agência RBS (John Mayer) e Pablito Diego (Willie Walker)

**Foto da capa interna:** Ton Müller (Público)

**Conselho Editorial:** Cristiano Radtke, Camila Gonçalves e Ronaldo Lippold

**Revisão de português:** Márcia Heinz Kirchhof

**Traduções:** Cristiano Radtke e Márcio Grings

**Correção inglês, notas de rodapé e revisão geral de conteúdo:** Cristiano Radtke

**1.ª edição:** Junho, 2021

**Impressão e acabamento:** Gráfica Pallotti

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Grings, Márcio

Quando o som bate no peito / Márcio Grings. --

1. ed. -- Santa Maria, RS : Grings - Memorabilia e Tours, 2021.

ISBN 978-65-993645-2-5

1. Bandas (Música) 2. Ensaios - Coletâneas 3. Jornalismo (Música) 4. Música - Brasil  
5. Música - Resenhas 6. Shows internacionais - Brasil I. Título.

21-64059

CDD-781.6609812

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Shows internacionais : Resenhas 781.6609812

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei a

Grings — Memorabilia e Tours | CNPJ 26.019.724/0001-70 | Memorabilia Books.

**Autor:** gringsmarcio@gmail.com

**Editora:** sac.memorabilia@gmail.com

**Assessoria de Imprensa:** homerpress@gmail.com

**Acervo:** Visite memorabilia.store.com.br e confira nosso catálogo.

Quando  
Som Bate  
no Peito

*"Sentado na arquibancada, esperando o espetáculo começar.  
Luzes vermelhas, luzes verdes, vinho de morango.  
Um bom amigo meu segue as estrelas — Vênus e Marte estão legais esta noite."*

**PAUL McCARTNEY & WINGS (Venus and Mars)**

## ÍNDICE

- 9 **PRÓLOGO**  
*Em frente ao palco, quando o som bate no peito*
- 15 **GENE 'BIRDLEGG' PITTMAN**  
Santa Maria, 22 de novembro de 2019
- 19 **WHITESNAKE**  
Porto Alegre, 1º de outubro de 2019
- 23 **BLACKBERRY SMOKE**  
Porto Alegre, 10 de maio de 2019
- 27 **SAXON**  
Porto Alegre, 13 de março de 2019
- 31 **WEE WILLIE WALKER**  
Santa Maria, 12 de março de 2019
- 35 **ROGER WATERS**  
Porto Alegre, 30 de outubro de 2018
- 41 **GLENN HUGHES**  
Porto Alegre, 28 de abril de 2018
- 47 **STEVE HACKETT**  
Porto Alegre, 20 de março de 2018
- 51 **THE PRETENDERS**  
Porto Alegre, 28 de fevereiro de 2018
- 55 **JOHN MAYER**  
Porto Alegre, 24 de outubro de 2017
- 59 **PAUL McCARTNEY**  
Porto Alegre, 13 de outubro de 2017

63	<b>JETHRO TULL</b> Porto Alegre, 9 de outubro de 2017	159	<b>BLACK SABBATH</b> Porto Alegre, 9 de outubro de 2013
67	<b>THE WHO</b> Porto Alegre, 26 de outubro de 2017	163	<b>ELTON JOHN</b> Porto Alegre, 6 de março de 2013
73	<b>THE CULT</b> Porto Alegre, 17 de setembro de 2017	167	<b>ROBERT PLANT</b> Porto Alegre, 30 de outubro de 2012
77	<b>MR. BIG</b> Porto Alegre, 23 de agosto de 2017	173	<b>BUDDY GUY</b> Porto Alegre, 15 de maio de 2012
79	<b>JAMES TAYLOR</b> Porto Alegre, 4 de abril de 2017	177	<b>BOB DYLAN</b> Porto Alegre, 24 de abril de 2012
83	<b>ROGER HODGSON</b> Porto Alegre, 21 de março de 2017	183	<b>NAZARETH</b> Santa Maria, 11 de novembro de 2011
87	<b>QUANDO O SOM BATE NO PEITO</b> Libreto de fotos	187	<b>ERIC CLAPTON</b> Porto Alegre, 6 de outubro de 2011
131	<b>AEROSMITH</b> Porto Alegre, 11 de outubro de 2016	191	<b>ZZ TOP</b> Porto Alegre, 23 de maio de 2010
135	<b>THE ROLLING STONES</b> Porto Alegre, 2 de março de 2016	193	<b>WILLIE 'BIG EYES' SMITH</b> Santa Maria, 8 de julho de 2009
139	<b>DAVID GILMOUR</b> Porto Alegre, 16 de dezembro de 2015	197	<b>BOB DYLAN</b> Porto Alegre, 7 de abril de 1998
143	<b>QUEEN + ADAM LAMBERT</b> Porto Alegre, 21 de setembro de 2015	207	<b>BACKSTAGE</b> Aquilo que vi e senti
147	<b>JACK WHITE</b> Porto Alegre, 24 de março de 2015	211	<b>CODA</b> Quando o som bate no peito e abre a mente
151	<b>DEEP PURPLE</b> Porto Alegre, 15 de novembro de 2014	213	<b>A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS</b> Perfis dos fotógrafos
155	<b>JOAN BAEZ</b> Porto Alegre, 19 de março de 2014	221	<b>ILUSTRAÇÕES   FOTOS P&amp;B</b> Índice remissivo de imagens

## EM FRENTE AO PALCO, QUANDO O SOM BATE NO PEITO

Márcio Grings, outono de 2021

**"Oh, give me the beat, boys, and free my soul  
I wanna get lost in your rock and roll and drift away"<sup>1</sup>**

No momento em que começo a teclar, ouço "The Last Time I Saw Richard" de Joni Mitchell, e o fone de ouvidos está num volume ensurdecedor, possível causa de um zumbido insistente que há anos me persegue. Escrever sobre música é uma experiência transcendental. Invariavelmente, canções refletem nossas alegrias, tristezas, dilemas e aspirações. Muitas vezes, a música possui o poder de traduzir o intraduzível. Olho para trás e percebo o óbvio — meus dias e noites foram tomados por LPs, CDs, fitas cassetes, vídeos, revistas, livros, ensaios, estúdios de rádio, lojas de discos, downloads, gravações e inúmeras viagens<sup>2</sup> que me conduziram até à frente de um palco. A experiência musical ainda é uma das maiores epifanias da minha vida, é definidora de individualidades e do homem que sou.

Desde os primeiros passos pelo rock and roll, ainda nos anos 1980, o jornalismo musical foi meu guia e orientador, colocou os grilos para fritar, acabou por abrir janelas que nunca mais seriam fechadas. Invoco a lembrança da saudosa revista Rock Passion, em 1985, que logo deixou de ser publicada, e principalmente da Bizz, que chegou às bancas em agosto do mesmo ano, importantes periódicos musicais daquela década, fonte de primeiras leituras sobre rock. Gosto de ouvir um disco e debater sobre ele, ver um show e me deliciar com visões em primeira pessoa — importa-me saber quem são os profissionais que

<sup>1</sup> "Deem-me o ritmo, garotos, libertem minha alma / Eu quero me perder nesse rock and roll e ficar na minha" (NT) — trecho de "Drift Away" (Mentor Williams), gravada por Dobie Gray, Humble Pie, Rod Stewart, entre outros.

<sup>2</sup> Além de repórter musical, Márcio Grings e a jornalista Ana Bittencourt administram a Grings – Tours, Produções e Eventos, empreendimento que leva fãs de rock até os grandes concertos musicais no sul do país. A Grings Tours também atua na produção de shows e assessoria de artistas.

*"Algumas coisas são especiais  
Elas nunca evanescem  
Como fumaça saindo pela chaminé  
E os sonhos de ontem."*

**TONY JOE WHITE (Smoke on the Chimney)**  
Para Fabiano Dallmeyer (in memoriam)

se debruçam sobre cada experiência musical que aprecio.

“A razão de ser das críticas é proporcionar perspectiva aos leitores, e não motivação para os artistas”, escreveu John Bream no prefácio de “Whole Lotta Zeppelin” (2011). Quem escreve sobre música precisa de lucidez para não cair em armadilhas de reproduzir o óbvio ou se tornar escravo de uma espécie de exercício de bajulação ou culto à celebridade, pagando de fã. Antes dos anos 1960, o jornalismo musical brasileiro já havia ensaiado trôpegos passos nas editoriais de cultura de vários jornais do país, além de espalhar pílulas em revistas dedicadas ao público jovem. Porém, a crítica de rock, de uma forma organizada, começou a caminhar pelas próprias pernas por meio da versão brasileira da revista Rolling Stone (1971-1973) e pela revista Pop (1972-1979). Mais de uma década após sua publicação, ainda chegaram até minhas mãos alguns exemplares do Jornal da Música e do Som (1974-1977), que trazia encartado o suplemento “Rock - A História e a Glória”, em edições quinzenais, na forma de fascículos. Estes, encadernados, funcionaram para mim como enciclopédia, na qual ainda hoje encontro informações relevantes.

Contudo, a crítica musical brasileira se afirmaria impulsionada por diversos fatores, entre eles, a efervescência do rock nacional na década de 1980, além da ampliação do mercado internacional de shows a partir do primeiro Rock in Rio e da volta do Hollywood Rock. O Brasil finalmente estava com pista livre para os grandes concertos, uma avenida que ganharia ainda mais fluxo nos anos seguintes. Além dos editoriais de cultura dos grandes jornais abrirem mais espaço para falar de música, foi nesse período que a revista Bizz se firmou como um dos principais informativos voltados para esse universo. De todo modo, fica a questão: há relevância na crítica musical? O guitarrista e compositor norte-americano Frank Zappa (1940-1993) acreditava que não: “O jornalismo de rock envolve profissionais que não sabem escrever entrevistando artistas que não sabem falar para leitores que não sabem ler”. Para rivalizar com essa meia verdade, nas trincheiras tupiniquins, relembro importantes narradores: Zuza Homem de Mello, Ana Maria Bahiana, Juarez Fonseca, Eduardo Bueno, André Barcinski, Alex Antunes, Pedro Só, Celso Pucci, Jotabê Medeiros, entre outros. Ligados ‘num todo’, em seus textos eles também falam de filmes, livros — escrevem impressões tridimensionais sobre obras do nosso tempo. Com eles, não apenas pude perceber como se manipula o lápis na pauta musical, mas também me tornei capaz de racionalizar a experiência de apreciação de uma obra, o que me levou além das fronteiras delimitadas do rock. Afinal, existe muito a ser descoberto na MPB, no jazz, na interseção com a literatura, no cinema, na expressão artística plural, em tantos lugares — e há pontes e passagens secretas que muitas vezes nos levam até o lado de trás do espelho. Viagens e reflexões semeadas em artigos, colunas de jornais e páginas de revistas. A crítica musical aponta para a importância de elevar esse cosmo artístico como pilar cultural: “Quem transforma discos e música em cultura é a imprensa”, disse um dos últimos editores-chefes da Bizz, Ricardo Alexandre, em entrevista ao site Monkeybuzz.

Por outro lado, distante dessa racionalização, diluída numa perspectiva mais consumista, a MTV, um dos grandes difusores da cultura pop musical nos anos 1980 e 90, abecedário de muitos, nunca esteve no meu radar, assim como

as facilidades da Internet, que para mim não passavam de um filme de ficção. Envolto na história oral de amigos mais vividos, entre dezenas de livros, revistas, pilhas de papel xerocado, HQs e discos, a música sempre venceu qualquer disputa dentro de mim. Assim meus gibis da Marvel foram trocados por LPs. Adeus, Elektra!

Bem mais adiante, ainda com a crítica musical em foco, o cinema nos deu “Almost Famous” (2000), de Cameron Crowe<sup>3</sup>, a mais poderosa homenagem ao jornalismo musical desse início de século. É onde conhecemos William Miller (Patric Fugit), repórter freelance da revista Creem que recebe de seu editor, ninguém menos do que a lenda Lester Bangs<sup>4</sup> (Philip Seymour Hoffman), a incumbência de escrever um artigo sobre o Black Sabbath, que no verão de 1973 faria um show no San Diego Sports Arena, na Califórnia. “Não fique amigo dos artistas, você precisa construir uma reputação de honestidade, seja impiedoso”, avisa ao jovem pupilo. Em seus textos, Bangs prega a racionalização do rock como conteúdo literário, em descrições forjadas pela influência direta da leitura de livros de Jack Kerouac e William Burroughs, além de ainda utilizar elementos do new journalism<sup>5</sup> de Gay Talese, Tom Wolfe, Norman Mailer e Hunter S. Thompson<sup>6</sup>. Já Crowe, mesmo que hoje seja inicialmente reconhecido por muitos apenas como cineasta, detém o invejável currículo de ser o jornalista que escreveu importantes relatos sobre bandas e artistas como The Allman Brothers Band, Led Zeppelin, Eagles, Bob Dylan, Neil Young, entre outros.

Assim como em “Trilha Estreita ao Confim”<sup>7</sup>, em que Bashō registra sua peregrinação espiritual no Norte do Japão para honrar os poetas que haviam feito a viagem antes dele, à sombra de uma senda particular e, iluminado pelos meus predecessores de ofício, comecei a selecionar o material que está reunido neste livro. Até a escolha final das resenhas, vi-me imerso numa profunda reflexão sobre a última década, incontáveis lembranças do que foi reportado e vivido.

“Quando o Som Bate no Peito” é fruto de anotações, rascunhos, do devir poético e literário promovido pela experiência musical, de leituras, de conversas com amigos, de dezenas de coberturas credenciadas, de produções em que

<sup>3</sup> O filme é baseado nas histórias pessoais do cineasta, que durante os anos 1970 atuou como repórter das revistas Creem e Rolling Stone. Por “Almost Famous”, Cameron Crowe ganhou o Oscar de Melhor Roteiro Original.

<sup>4</sup> O jornalista norte-americano Lester Bangs (1948-1982) foi um dos mais conhecidos, imitados e odiados críticos de rock, e fez carreira nas revistas Rolling Stone e Creem. Bangs faleceu em Nova York, aos 33 anos, devido a uma overdose de medicamentos.

<sup>5</sup> Estilo que mistura elementos literários na narrativa jornalística.

<sup>6</sup> Hunter Stockton Thompson (1937-2005) foi um jornalista e escritor norte-americano, que escreveu para a Rolling Stone. É criador de um estilo denominado Jornalismo Gonzo, gênero que se caracteriza por implodir linhas limítrofes entre autor e sujeito, ficção e não ficção.

<sup>7</sup> “Trilha Estreita ao Confim” (Iluminuras, 2000), com tradução de Kimi Takenaka, clássico do haicaista japonês Matsuo Bashō (1644-1694).

atuei, de enxertos editados em colunas que escrevi, do Blog do Grings<sup>8</sup> e do material publicado originalmente no site da Grings Tours<sup>9</sup>, quase sempre poucas horas após ter assistido às apresentações. De todo modo, tudo foi reescrito entre dezembro de 2020 e maio de 2021, após aprovação em edital da Lei Aldir Blanc, sendo fielmente baseado no relato in loco, mas amplificado pelo meu olhar em primeira pessoa, perspectivas que sobrepõem o próprio vislumbre do evento em si.

Como repórter musical e eventualmente na posição de promotor ou realizador de um evento, sempre tive obsessão pelo registro documental. Da primeira cobertura profissional credenciada, em 2010, com o ZZ Top, ainda como integrante da equipe da rádio Itapema (RS), até o show que abre este livro, em 2019, o de Gene 'Birdlegg' Pittman, no qual atuei como produtor local, lá se foi uma década e mais de cem apresentações internacionais resenhadas. Boa parte do que me emocionou ou me surpreendeu, mais precisamente 34 relatos, estão em "Quando o Som Bate no Peito". Dois textos são anteriores a esse período: Bob Dylan, em Porto Alegre, 7 de abril de 1998, e Willie 'Big Eyes' Smith, em Santa Maria, 8 de julho de 2009, quando fiz a produção do saudoso evento Na Rota do Blues.

Além do registro da memória cultural dos shows que passaram pelo Sul do país, a tentativa em "Quando o Som Bate no Peito" é trazer à luz a atividade jornalística em cobertura de shows. Muitas histórias foram reunidas e são contadas neste livro — seja na posição de repórter musical, no qual atuo efetivamente, ou no privilegiado ponto de vista dos fotógrafos. Você sabia que, durante as apresentações internacionais, os profissionais credenciados possuem apenas três músicas para registrar o trabalho fotográfico? Há muita tensão, necessidade de rápida resolução, instantaneidade, disputa de espaço, trocas de lente — e nem sempre há a proximidade do palco<sup>10</sup>. No libreto de fotos encartado na parte central do livro e nas figuras em preto e branco, várias imagens ilustram um olhar íntimo com o artista, componente imagético que registra frações infinitesimais da eternidade, tão líquidas na vida real, mas cristalizadas pelo clique dos fotógrafos. Sou extremamente grato a todos os profissionais que cederam suas imagens para que fossem publicadas, brilho gráfico que certamente valorou ainda mais os relatos. E entre os fotógrafos que colaboraram em "Quando o Som Bate no Peito" (veja os perfis na página 213) está Fabiano Dallmeyer, parceiro de inúmeras coberturas, um dos grandes amigos que o mundo da música me deu, infelizmente falecido poucas semanas antes deste livro ganhar o mundo. Suas fotos permanecem como testemunho vivo de seu talento.

<sup>8</sup> Blog administrado pelo autor (de 2008 até 2014), com participação da jornalista Ana Bittencourt (2011 e 2012) durante o período em que Márcio Grings esteve ligado a rádio Itapema e a rádio Gaúcha. O Blog recebeu o Prêmio RBS de Jornalismo e Entretenimento, em 2012, sendo vencedor na categoria "Conteúdo Online".

<sup>9</sup> gringstours.com.br

<sup>10</sup> Em estádios ou casa de espetáculos, há modalidades de atuação para cobertura fotográfica: 1 barricada: quando o profissional circula numa área isolada em frente ao palco, destinada apenas para os registros fotográficos; 2 – House Mix: quando o fotógrafo fica mais afastado do cenário, geralmente numa distância em que precisa utilizar lentes de maior precisão a longa distância.

"Quando o Som Bate no Peito" ainda apresenta um pitoresco personagem que perpassa algumas resenhas. Baseado em histórias verdadeiras, conto sobre o "Turco"<sup>11</sup>, figurante que nos visita em algumas coberturas, sempre burlando a segurança e as catracas para assistir gratuitamente a inúmeras apresentações, além de encontrar os artistas no hall de entrada de hotéis e invadir camarins e o backstage.

No escritório de Ahmet Ertegun<sup>12</sup> havia uma frase emoldurada num quadro: "É ótima essa vida de música"<sup>13</sup>, uma máxima que invariavelmente emerge na minha lembrança. Ao ver pessoas que menosprezam a experiência de assistir a um show, só me resta a tristeza diante dessa desconexão, afinal: a vida com seus aromas peculiares, inúmeras cores e o roçar dos corpos um no outro, não pode ser reprisada. Não há DVD, Blu-ray, smartphone que consiga parear a sensação de estarmos no olho do furacão, entre o público, no centro dos acontecimentos, na primeira fileira de uma apresentação. Se estamos num pub, num teatro, numa casa de espetáculos, num estádio, ao ar livre ou nos bastidores — quando o som bate no peito do espectador, do repórter, do fotógrafo — há uma fonte da juventude que nos conecta à energia do êxtase, o merecido prêmio por escolhermos a música como um elemento signifiante de nossas vidas. Que a leitura deste livro consiga resgatar parte dessa energia cósmica, vibração contínua a reverberar além.

<sup>11</sup> Para preservar sua identidade, o verdadeiro nome do Turco, assim como fatos, locais e shows foram alterados ou subvertidos.

<sup>12</sup> Ahmet Ertegun (1923-2006) Fundador da lendária Atlantic Records, selo por onde passaram nomes como Aretha Franklin, Ray Charles, Led Zeppelin, Crosby, Stills, Nash & Young, entre outros.

<sup>13</sup> "It is a great life, this life of music".



### TRILHA SONORA

Ouçá a playlist do livro no Spotify. É só apontar a câmera do seu celular ou seu leitor de QR-Code e curtir!





*Quando  
Sem Bate  
no Peito*

## GENE 'BIRDLEGG' PITTMAN

Plataforma 85 — Santa Maria, 22 de novembro de 2019

A princípio, o esquema parece uma trama, e, em certas vezes, realmente é. Incentivados pelos seus contratantes, grande parte dos artistas de blues que se apresentam no Brasil e na América do Sul utilizam uma sistemática definida — pegam o voo para cá apenas com a mala de mão e um instrumento no estojo e, quando pousam em solo brasileiro, encontram bandas montadas com músicos locais. O repertório, quase sempre, é pré-definido a distância (com base em standards)<sup>14</sup>, e muitas vezes, o ensaio geral acontece no palco, durante as apresentações. Até certo ponto, esse é um resumo injusto, mas retrata parte do que realmente acontece. De todo modo, uma das forças cambiantes do blues sempre esteve definida em profusões como essa. Mesmo que haja vias tortas, não vejo nenhum tipo de farsa nesse método, afinal é como os produtores conseguem viabilizar financeiramente essas vindas, e assim os bluesmen continuam a desembarcar por aqui. Contudo, somos privados de vê-los entre os seus chapas e, quando eles se juntam aos nossos, essa sinuca de bico certamente gera um bocado de diversão e algumas jogadas ensaiadas. Estabelecido o rolê, pelo menos no Brasil, graças a esse intercâmbio, o blues se propaga por aqui e se aproxima de nós, muitas vezes desfigurado, outras tantas com expressões fidedignas.

O nome da vez se chama Gene 'Birdlegg' Pittman, nascido em Harrisburg, na Pensilvânia, em 1947. Sem nunca ter assistido a uma única aula de música, entrou numa loja e comprou sua primeira gaita de boca, dando início à carreira aos 26 anos. Autodidata, em 1975 mudou-se para Oakland, na Califórnia, onde passou a tocar nos clubes, acompanhando ou acompanhado por nomes como Sonny Rhodes, Massala Talbert, Haskell "Cool Papa" Sadler e Mississippi Johnny Waters. Nos anos 1990, com sua banda, a Tight Fit Blues Band, gravou canções, lançou singles<sup>15</sup>, CDs e tocou em várias cidades dos Estados Unidos. Três anos depois, mudou-se para Austin, no Texas, onde fixou residên-

<sup>14</sup> Na música popular (e principalmente no blues e jazz), standards são composições estabelecidas como modelo no gênero, consideradas parte do repertório padrão de um artista.

<sup>15</sup> Canção considerada comercial o suficiente pelo artista e pela gravadora para ser lançada individualmente como compacto.



cia e ainda continua atuante. Afora shows e gravações, Gene passou a ensinar e se apresentar em escolas, além de promover seminários musicais. Dentre suas conquistas, integrou o lendário time do Mississippi Delta Blues Band, em que participa de diversas turnês na Europa. Seu mais recente álbum é "Extra Mayo" (2016), trabalho produzido na Suécia.

Birdlegg e banda chegam à gare da estação férrea em torno das 16h30. Ao adentrar no bar, mesmo antes de pisar no palco para a passagem de som<sup>16</sup>, o músico percorre lentamente toda e extensão do pub, na intenção de observar a casa e reconhecer o espaço em que irá circular com um microfone sem fio. Faz várias perguntas e parece satisfeito com as condições do local. Nos vídeos de suas apresentações, nós o vemos cantando e interagindo entre o público. Logo iríamos entender que o músico realmente não se limita ao quadrado convencional. Como artista, provém de uma geração que necessita desse contato, sendo esse um de seus nortes. Assim, de um modo simples, mas eficiente, a iluminação do salão principal do Plataforma 85<sup>17</sup> é redesenhada, tanto para a melhor apreciação do público quanto para facilitar a movimentação (leia-se não esbarrar nas mesas). Já sabemos: todo o bar será utilizado como palco por Birdlegg.

A passagem de som é realizada em incríveis 10 minutos. Gene pede sua bebida favorita, Fanta Laranja. Ao sair do local, acende um cigarro, observa os verdejantes montes santa-marienses, conversa com o fotógrafo Pablito Diego e não economiza registros de imagens com a câmera de seu celular. Ele circula curioso entre os destroços da saudosa linha férrea, uma gare assombrada pelo fantasma do abandono, espaço que compõe a estação<sup>18</sup>, onde o Plataforma está instalado. Minutos depois, Adrian Flores<sup>19</sup> (produtor argentino e baterista da turnê) o chama e, ao mesmo tempo em que o grupo embarca numa caminhonete rumo ao hotel, ao ser perguntado pela produção se gostaria de jantar antes do show, Gene responde: "Gosto de tocar com fome. A refeição fica para depois".

Em torno das 23h30, a banda de apoio começa os trabalhos. No palco, além do já mencionado Adrian Flores (bateria e vocal), temos a presença sempre bem-vinda do músico gaúcho Solon Fishbone (guitarra) e de Fernando Peters (baixo). Muitos estão lá também para ver Solon, um dos mais respeitados guitarristas do blues brasileiro. De início, o trio relê "Everyday I Have The Blues"

<sup>16</sup> Preparação que ocorre antes de um concerto, quando músicos e equipe de som checam equipamentos e monitores de palco.

<sup>17</sup> O Plataforma 85 ficou em atividade entre julho de 2018 e dezembro de 2019.

<sup>18</sup> Fundada em 1885, o maior entroncamento ferroviário do centro do estado do Rio Grande do Sul teve seu apogeu entre 1910 e 1950. Nesse período, a maioria dos trens passava por Santa Maria. Através da ferrovia Santa Maria-Itararé, a cidade estava ligada a São Paulo desde o início da década de 1920. A decadência do transporte ferroviário no final dos anos 1980 e a suspensão do transporte de passageiros em 1996 fizeram com que a estação aos poucos encontrasse a derrocada final, rumo ao abandono.

<sup>19</sup> Atuante há quase duas décadas no Brasil, com residência fixa em Navegantes, Santa Catarina, o músico e produtor argentino Adrian Flores é um importante nome do blues sul-americano. Como produtor, articulou a vinda de mais de cinquenta artistas internacionais. Em 2019, alcançou a incrível marca de 680 shows realizados: Desde 1992, quando trouxe James Cotton, até Birdlegg, são 28 anos dedicados exclusivamente ao blues.

(Pinetop Sparks) e "Living In My Neighborhood" (Magic Slim), esta com a marca do vocal howlinwolfeano<sup>20</sup> de Adrian.

Quando Birdlegg pisa no palco, nós o vemos com seu chapéu, camisa e sapatos brancos, gravata cerúlea, colete e terno risca de giz. Parte do público talvez imagine que esse elegante senhor de 72 anos exerça uma presença cênica mais recatada, o que não passa de um ledão engano. Assistimos, na verdade, a um retrato da hiperatividade, e, como ele próprio havia nos avisado, Gene está com fome de blues! O cantor conta histórias, flerta com as mulheres da plateia e frequentemente passeia entre as mesas. No palco, pelo bar, vemos um acrobata em constante movimento, um ginasta com invejável elasticidade. Se você está sentado na primeira fileira, não significa que sua posição seja a melhor da noite, pois, em instantes, o artista já está interagindo no fundo do pub, galanteando outra garota, quando retira seu chapéu e amistosamente a corteja. Um rio de suor despenca sobre a moça. "Sorry", diz o músico. Tudo certo, ele ainda está sentado em seu colo e há uma espontânea troca de sorrisos.

Outro aspecto dessa atuação passa pela direção musical, principalmente quando Birdlegg comanda as dinâmicas da banda, regendo-as como um maestro. Às vezes, parece digladiar consigo, erra o tom de uma de suas gaitas, atira uma delas no tablado do palco, cobra andamentos diferentes nas levadas de Adrian Flores e Solon Fishbone. Outras vezes, parece brigar com demônios interiores. Toma um gole de Fanta Laranja. Suspira e revira os olhos em transe. Sob a ótica dos músicos, tocar com Birdlegg é como caminhar na corda-bamba, e, em certos momentos, você pode cair. Sem problemas, há redes de segurança, e um bocado de diversão quando se pega o jeito, basta olhar para a banda, pois invariavelmente todos estão sorrindo, naufragos de ocasião que encontram seu oásis na informalidade do blues.

As escolhas de repertório relembram temas célebres como "Don't Start Me Talking" (Sonny Boy Williamson), "The Things That I Used to Do" (Guitar Slim), "You Don't Have to Go" (Jimmy Reed) e "Statesboro Blues" (Blind Willie McTell), além de composições de sua autoria — "San Pablo Avenue", "Draw in Your Lip", "Maria" e a vibrante "Meet Me on the Corner". Destaque absoluto para "I'm A Man" (Bo Diddley), orquestrado por inúmeros "yeahhh!", instante em que o Plataforma 85 se transforma num clube de blues em final de noite. Gene é um grande gaitista e bebe na melhor escola da harmônica estadunidense, na linhagem dos Sonny — Boy Williamson e Terry. Não há firulas na forma como toca, não ouço excessos, e assim o som de sua gaita diatônica<sup>21</sup> cristaliza um desenho de como esse pequeno instrumento deve soar.

Nos instantes finais da apresentação, enquanto canta e coreografa entre as mesas, o músico faz questão de cumprimentar com gentileza e atenção

<sup>20</sup> Menção à voz de Chester Arthur Burnett (1910-1976), mais conhecido como Howlin' Wolf, uma das maiores referências do Chicago Blues, além de também compor e tocar guitarra. Com sua voz rouca e um físico avantajado (ele tinha 1,98), tornou-se uma das figuras mais imponentes do gênero.

<sup>21</sup> Em 1926, na Alemanha, o relojoeiro Joseph Richter criou uma estrutura de placas e palhetas com 20 notas, consistindo em 10 notas sopradas e 10 notas aspiradas, dando origem à gaita blues ou harmônica diatônica.

todos que o procuram, uma simplicidade e fidalguia característica dos autênticos homens do blues. "Eu não preciso de óculos escuros para parecer um bluesman", diz. Finalmente Birdlegg está pronto para o jantar. Solicita mais uma Fanta Laranja e pede licença. Solitário, caminha sério até a área externa do bar. Fuma um último cigarro e ali, no deck semi-iluminado, reflexivo, olha em direção à lua minguante enquanto bebe mais um gole de seu refrigerante. Uma voz imaginária diz: "Corta!". Fim do último take, Gene volta a sorrir. Resoluto, caminha de volta para o bar enquanto solta fumaça para o alto. Aos olhos de quem o vê como um pequeno borrão na imensa cartografia do blues, ele pode parecer uma espécie de Harry Dean Stanton<sup>22</sup> do gênero, um talentoso coadjuvante à espera do grande papel, fominha para novamente comer a bola no seu próximo show.



<sup>22</sup> Em mais de 60 anos de carreira, o ator norte-americano Harry Dean Stanton (1926-2017) acumulou mais de 200 créditos em filmes e séries, grande parte deles como coadjuvante.

*Quando  
Sem Bate  
no Peito*

## WHITESNAKE

*Gigantinho — Porto Alegre, 1º de outubro de 2019*

Há várias temporadas, o Whitesnake colocou o Brasil no seu roteiro de turnês. Como esquecer a memorável participação do grupo na primeira edição do Rock in Rio? A banda surge logo depois do Tremendão Erasmo Carlos, que sai vaiado. Aos que não estavam lá, no mesmo instante em que acontecia essa estreia no palco montado na Cidade do Rock, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, houve um outro caminho para acompanhá-los ao vivo — o Whitesnake pode ser visto na TV aberta, em pleno horário nobre, na noite da sexta-feira, 11 de janeiro de 1985, logo após mais um capítulo inédito de "Corpo a Corpo", novela da Rede Globo. Mesmo a distância, fez parte de uma geração que foi severamente impactada pelo festival.

A presença alienígena de David Coverdale na telinha antecipou o rolo compressor que chegaria ainda naquela mesma noite — Iron Maiden e Queen<sup>23</sup>. No início de 1985, Coverdale tinha apenas 33 anos e, uma década após juntar os cacos do Deep Purple, o músico inglês havia conseguido reconstruir a carreira com o Whitesnake. "Slide It In" (1984), sexto disco de estúdio do grupo, vendeu milhões de cópias.

E mesmo que tenha entrado pela porta lateral do Rock in Rio, após o cancelamento da vinda do Def Leppard apenas 11 dias antes do início do evento, Coverdale e os seus tiraram a sorte grande naquele início de verão carioca: "Eu olhava para a multidão balançando os braços como se fosse uma plantação de milho no vento", disse o vocalista ao site do G1. Para encurtar a história, meu primeiro encontro ao vivo com o Whitesnake aconteceria apenas 31 anos após aquele show em que meu rosto adolescente esteve grudado na TV.

E quis o destino que apenas três anos depois, cá estivesse eu, novamente, frente ao grupo. Nessa segunda vez, os músicos que integram a atual formação do Whitesnake são os mesmos da turnê de 2016 — nas guitarras Reb Beach (Winger, Dokken e Alice Cooper) e Joel Hoekstra (integrante do musical

<sup>23</sup> O Whitesnake teria ainda uma segunda data no festival em 19 de janeiro, na mesma noite que AC/DC, Scorpions e Ozzy Osbourne.

da Broadway Rock of Ages); no baixo, Michael Devin (Lynch Mob) e na bateria, um veterano de muitas guerras, o norte-americano Tommy Aldridge<sup>24</sup> (Black Oak Arkansas, Ozzy Osbourne), além do tecladista italiano Michele Luppi (Vision Divine).

Uma tarde e início de noite escaldantes em Porto Alegre, estamos no evento Rock ao Vivo, um nome óbvio e insosso para um festival que ainda traz mais duas bandas: Helloween e Scorpions. Esbarro no Turco<sup>25</sup>, um dos habitués mais lendários dos eventos musicais no Sul do país, penetra notório e conhecido nos bastidores. Dessa vez, ao notar que estava com uma camiseta preta semelhante a de um entregador de bebida, oferece uma gorjeta a seu cúmplice, pega um dos fardos e adentra o evento como se fosse um auxiliar do fornecedor. "Claro que deu certo", ele me diz do alto de sua confiança. Pontualmente, às 20h, o Whitesnake surge no palco do Gigantinho, e a novidade que separa esses três anos entre um show e o outro é "Flesh & Blood" (2019), novo álbum do Whitesnake, com três temas no atual setlist<sup>26</sup>: a esquecível "Trouble Is Your Middle Name", a fraquinha "Shut Up and Kiss Me", e a menos ruim delas, "Hey You (You Make Me Rock)". Somado ao repertório básico compreendido entre 1982-1987, a mesa está posta com hits inseparáveis a esse percurso — "Slide It In", "Is This Love", "Here I Go Again", "Gimme All Your Love", entre outros. Para um garoto que cresceu ouvindo os discos do Whitesnake, principalmente o álbum "Live... In the Heart of the City" (1980), registro ao vivo de apresentações no Hammersmith Odeon, em Londres, em 1978 e 1980, estou geograficamente no centro dos acontecimentos. Há também um inevitável déjà-vu em "Love Ain't No Stranger", uma música que, em 1985, tornou-se trilha sonora de propaganda de cigarros na TV brasileira: "Holywood, o sucesso!". Alguém lembra essa? O Turco lembra e a canta a todos os pulmões.

O solo de Tommy Aldridge é, disparado, um dos ápices da noite, e aqui escreve alguém que detesta performances exibicionistas de qualquer instrumentista, principalmente de bateristas, mas, quando o vemos largar as baquetas, refestelar seus cabelos cacheados e esbofetear os pratos com as pontas dos dedos, percebemos que a forma como faz o seu trabalho é realmente impressionante. Impossível não se lembrar de John Bonham em "The Song Remains the Same" (1976), filme do Led Zeppelin<sup>27</sup>.

Rei das acrobacias com um pedestal de microfone, recorte fotográfico que se tornou uma reconhecida iconografia, é perceptível que o líder do Whitesnake está longe de seus melhores dias, mas é salvo pela cavalaria das vozes de apoio da banda, assim como pela própria participação do público, preenchendo eventuais lacunas. No entanto, a presença sorridente de Coverdale continua suntuosa. Vê-lo de perto é como poder retornar a uma das épocas mais celebradas do rock mundial. O melhor exemplo desse amparo está na despedida, em "Burn", clássico abso-

<sup>24</sup> Em 1985, no primeiro Rock in Rio, Tommy Aldridge fazia parte da banda de Ozzy Osbourne.

<sup>25</sup> Ver prólogo.

<sup>26</sup> Listagem que ordena as canções de um show pela sequência em que serão tocadas.

<sup>27</sup> Ver resenha do show de Robert Plant na página 167.



luto das formações MKIII e IV<sup>28</sup> do Deep Purple. O guitarrista Reb Beach quebra o galho no trecho cantado originalmente por Glenn Hughes, com David Coverdale caminhando de um lado ao outro do palco, fazendo caras e bocas para um público solícito em cantar a sua parte. Vaidoso, ele abre um sorriso. Ah, essa saudosa magia do rock!

Reza a lenda de que, até poucos anos, o dono da bola no Whitesnake — fumava cerca de três cartelas de cigarro por dia. Aparentemente saudável, o fato é que, diferente de três anos<sup>29</sup> antes, o vocalista não bebe uma única gota de bebida alcoólica durante o show, mas, novamente ocupa todos os espaços no palco. Ele continua em forma. Como clichê ambulante, Coverdale, ao vivo, ainda impressiona e destrincha todos aqueles trejeitos infinitamente decalcados por uma legião de seguidores.

"Minha atuação no palco é totalmente física e atlética", disse em entrevista ao canal "The Cassius Morris Show". Sobre uma expectativa de aposentadoria, em matéria publicada na revista Rolling Stone, o vocalista afirmou que não tem planos de pendurar as chuteiras: "Minha banda é formidável, minha plateia é ótima. Eu não tenho nenhuma reclamação e nenhum plano de me aposentar. Nenhum, mesmo. Ser David Coverdale, no momento, é maravilhoso". Ego-centrismos à parte, eis o retrato de um homem confiante e feliz.

<sup>28</sup> O Deep Purple passou a ser catalogado pelas suas diferentes formações: MK I (1968-1969) - Rod Evans, Nick Simper, Ritchie Blackmore, Jon Lord e Ian Paice; — MK II (1969-1973 e 1984-1989) - Ian Gillan, Roger Glover, Ritchie Blackmore, Jon Lord e Ian Paice; — MK III (1973-1975) - David Coverdale, Glenn Hughes, Ritchie Blackmore, Jon Lord e Ian Paice; — MK IV (1975-1976) - David Coverdale, Glenn Hughes, Tommy Bolin, Jon Lord e Ian Paice; — MK V (1989-1991) - Joe Lynn Turner, Roger Glover, Ritchie Blackmore, Jon Lord e Ian Paice; — MK VI (1994) - Ian Gillan, Roger Glover, Joe Satriani, Jon Lord e Ian Paice; MK VII (1994-2002) - Ian Gillan, Roger Glover, Steve Morse, Jon Lord e Ian Paice e MK VIII (2002-atualmente) - Ian Gillan, Roger Glover, Steve Morse, Don Airey e Ian Paice.

<sup>29</sup> O segundo show do Whitesnake em Porto Alegre ocorreu em 20 de setembro de 2016, no Pepsi On Stage. Antes disso, em 2005, o grupo se apresentou no Gigantinho, como banda de abertura do Judas Priest.



*Quando  
Sem Bate  
no Peito*

## BLACKBERRY SMOKE

Opinião — Porto Alegre, 10 de maio de 2019

Quando conheci o Blackberry Smoke, eu ainda chorava o fim precoce dos Black Crowes. Sim, eu sou uma das eternas 'viúvas' que continuam a lamentar a ausência dos Corvos da Geórgia, grupo que, após uma longa novela, fechou as portas em 2015<sup>30</sup>. Coincidentemente, Chris Robinson, vocalista dos Crowes, é uma espécie de padrinho do BBS, pois foi ele quem os batizou. Além de conterrâneo, Chris é amigo de Charlie Starr, líder dos Fumacentos. No meu ponto de vista, é exatamente nessa lacuna deixada pelo ocaso dos Black Crowes que o Blackberry Smoke progrediu, deslocado no tempo, pés fincados mais no passado do que no futuro do rock. Afinal, que droga de futuro é esse?

Eles soam mais antigos do que são. Em quase vinte anos, lançaram seis trabalhos, operando numa média de um álbum<sup>31</sup> a cada dois anos e meio. Não são tão conhecidos do público brasileiro, e tê-los por aqui, no Opinião, em Porto Alegre, é a chance imperdível de vê-los justamente num período em que o grupo vive um de seus melhores momentos. Não que haja chupadas ou conexões diretas com a herança sulista do rock (e isso até acontece), mas o southern rock<sup>32</sup> é a chave-mestra que abre a Caixa de Pandora<sup>33</sup>, e o mais importante: eles encontraram um caminho próprio. Já o Find A Light Tour volta à ativa especialmente para os shows no Brasil. Retorna porque o Smoke estava correndo os EUA com o Break It Down Acoustic Tour, com as antenas voltadas para o EP<sup>34</sup> "The Southern Ground Sessions" (2018). Desse modo, especialmente para a tur-

<sup>30</sup> Em novembro de 2019, Chris e Rich Robinson anunciaram que os Black Crowes fariam uma turnê comemorativa ao 30º aniversário de "Shake Your Money Maker", mas que foi cancelada devido à pandemia de 2020.

<sup>31</sup> Aqui tomamos por base o critério do Reino Unido, quando uma gravação é nominada como álbum caso tenha mais de quatro faixas ou ultrapasse 25 minutos de duração, o que, ao longo dos anos, sofreu alterações em suas definições.

<sup>32</sup> Subgênero nascido na Região Sul dos Estados Unidos, a partir de influências básicas do rock, blues e country music.

<sup>33</sup> Objeto da mitologia grega, peça central do mito de Pandora, a primeira mulher criada por Zeus.

<sup>34</sup> Extended play (EP) é uma gravação em disco de vinil, formato digital ou CD que é longa demais para ser considerada um single e muito curta para ser classificada como um álbum.

nê sul-americana, eles novamente plugam os instrumentos nos amplificadores. “Musicalmente, as performances acústicas são legais pelos espaços vazios. O elétrico é bacana pelo volume e poder”, disse Charlie Starr ao jornalista Homero Pivotto Jr, da Abstratti, produtora local do evento. Um detalhe a mais: nos shows que antecedem a chegada deles ao país, o grupo fez a abertura do Living Dream Tour, nova vinda ao continente de Slash + Myles Kennedy & The Conspirators. Sorte nossa que o show do Blackberry Smoke no Rio Grande do Sul está liberto dessa associação, assim, ao invés de assistirmos a um setlist mirrado, com cerca de sete ou oito músicas, em Porto Alegre teremos a oportunidade de presenciar a um show completo.

No palco, além de Charlie Starr (vocais e guitarra), cá estão Paul Jackson (guitarra e voz de apoio), Brandon Still (teclados), Richard Turner (baixo e voz de apoio) e Brit Turner (bateria). A escolha do repertório traz principalmente temas dos álbuns “The Whippoorwill” (2012), “Like An Arrow” (2016) e o recentemente lançado “Find A Light” (2018), material que adiciona o combustível mais inflamável ao que veremos. A poucos metros do palco, a impressão de vélos ao vivo parece promover resquícios estéticos e sonoros que inevitavelmente nos jogam rumo ao planetário musical dos anos 1970. Sabe aquela recorrente lembrança de que você já teve diversas relações paralelas com algumas das canções? Essa sensação aumenta quando recortes de clássicos como “Things Goin’ On” (Lynyrd Skynyrd), “It’s Only Rock ‘N’ Roll” (Rolling Stones) e “Come Together” (The Beatles) surgem como enxertos amarrados aos temas autorais, mas sempre sem forçar a barra. E o Blackberry Smoke nunca força a barra.

Charlie Starr é o centro das atenções — óculos escuros, cachecol enrolado no pescoço, jaqueta jeans estonada, todos os acessórios ajustados ao corpo esbelto. Além de ser líder e principal compositor do quinteto, Starr é também o principal maquinador dos riffs<sup>35</sup>, solos e na movimentação de palco. Troca de instrumento entre uma música e outra e, assim, alterna timbres e texturas, além de ser o senhor de uma das vozes mais respeitadas do rock atual. Toda banda precisa de um líder, alguém que seja o centro das atenções, que atue como interlocutor com o público, que saiba conduzir as coisas, que nos prepare para o clímax e, conseqüentemente, contamine a todos com a energia do espetáculo. Ao seu modo, Charlie Starr cumpre excepcionalmente esse papel.

Na outra guitarra, há o sorridente Paul Jackson, escudeiro em bases aparentemente invisíveis e responsável por certos vocais de apoio, sustentação que surge encaixadíssima. Já os barbudos Richard Turner e Brit Turner formam uma cozinha<sup>36</sup> digna da estampa clássica do imaginário southern. E nunca deixe de prestar atenção em Brandon Still, pois ele é um mestre nas harmonizações, com suas mãos ágeis espalhadas em teclados Wurliitzer e Yamaha, além de um órgão Hammond A-101. Destaque para aquelas músicas que estão na boca do povo, temas como “Six Ways To Sundays”, “Run Away From It All”,

“Restless” e a countryficada “One Horse Town”. “Waiting on a Thunder” é puro hard rock na sua forma mais faiscante, e “Rock and Roll Again” é uma homenagem explícita à banda coirmã Georgia Satellites<sup>37</sup>. “Medicate My Mind” e “Sleeping Dogs” possuem aquela vibração transcendentalista com que os saudosistas e fãs da psicodelia se deliciam sem moderação. A balada “Free on The Wing” homenageia Gregg Allman (que fez vocal na versão de estúdio), réquiem a um dos maiores ídolos do gênero. Já “I’ll Keep Rambling”, extrato do álbum “Find a Light”, incorpora o melhor deles — riffs geminados de guitarra, aditivos apimentados de blues, country, rock e gospel, conjugação capaz de transportar o espectador para um universo paralelo, um lugar onde a verdadeira música triunfa.

No bis, chumbada pelo blues rock, “Flesh and Bone” nos contagia com a mais pura energia. A pergunta é: será que o grupo não se equivoca ao tocar uma versão de “Three Little Birds” (Bob Marley)? Okay, não há regras no mundo da arte, e assim nasce o southern reggae. O golpe final vem com “Ain’t Much Left of Me”, compêndio sensorial que nos deixa saudosos antes que o último acorde decrete o encerramento, e documenta a legitimidade de tudo o que se passou. Luzes são ligadas, e, em poucos segundos o quinteto dá adeus, sem fotos posadas para as redes sociais ou uma histórica ovação pré-programada. Afinal, o próximo voo até o centro do país os espera, com show na capital paulista.

Nostalgia à parte, penso que, mesmo sem ter assistido de perto a bandas como Allman Brothers, Lynyrd Skynyrd, The Marshall Tucker Band ou outros remanescentes do rock sulista estadunidense, afirmo: a experiência de ter presenciado ao vivo o Blackberry Smoke parece me aproximar desse legado. Descolado da trilha embarrada de seus heróis, essa lama segue sendo repassada pelo quinteto georgiano. E não há nada de errado nessa intenção, pelo contrário, quem mais poderia representar esse emblema com tamanha identidade? Que o grupo de Atlanta voe ainda mais alto. Em breve nos reencontraremos, no futuro...

<sup>37</sup> Formado também em Atlanta, na Georgia, o Georgia Satellites é uma banda de southern rock e cowpunk que se tornou idolatrada por seu single n° 2 nos EUA em 1986: “Keep Your Hands to Yourself”.

<sup>35</sup> Progressão de acordes, intervalos ou notas musicais, que são repetidas no contexto de uma música, formando a base ou acompanhamento.

<sup>36</sup> Termo que define a união formada entre baixo e bateria, instrumentos de fundo que formam a base musical.





*Quando  
Sem Bate  
no Peito***SAXON***Opinião — Porto Alegre, 13 de março de 2019*

Quem gosta de rock e viveu no Planeta Terra no finalzinho dos anos 1970, primeira metade dos anos 1980, certamente se lembra da bordoadá que parte de nós levamos com o New Wave of British Heavy Metal<sup>38</sup>. Trata-se de tempos em que bandas como Iron Maiden, Def Leppard, Motörhead, entre outras, venderam milhões de álbuns, além de reconfigurarem a cena musical daquele período. Surgida entre o vácuo do movimento punk, na esteira da decadência dos grupos setentistas, o N.W.O.B.H.M não apenas revigorou o rock, mas, sim, trouxe uma perceptível evolução no cenário da época. Nesse contexto, com shows lotados, milhares de discos vendidos, constante assédio dos fãs e da imprensa, o Saxon foi um dos pivôs do sucesso forjado pela divisa metal naquele recorte de tempo.

Em quatro anos, cinco LPs foram registrados pelos ingleses, sendo que quatro deles se tornaram clássicos. "Wheels of Steel" (1980), "Strong Arm of the Law" (1980), "Denim and Leather" (1981) e "Power & the Glory" (1983), discos que passaram a ser peças indispensáveis em qualquer boa coleção de rock pesado. O grupo ainda forjou "The Eagle Has Landed" (1982), um dos álbuns ao vivo mais ouvidos daquele período. O show foi gravado um ano antes de seu lançamento, no lendário Hammersmith Odeon (atual Hammersmith Apollo), em Londres, e encapsula o Saxon num de seus melhores momentos.

Em sua sétima passagem pelo Brasil, esta é a primeira vez do grupo no Rio Grande do Sul, e no ano em que relembramos seus 40 anos de carreira fonográfica, nada mais oportuno do que retornar aos anos dourados do heavy metal. De todo o modo, "Thunderbolt" (2018) mantém o Saxon como ponta de lança, uma banda que nunca se entregou às adversidades e que permanece muito viva.

Mesmo que o grupo não consiga mais reunir multidões em grandes estádios, a atividade na estrada é assídua e constante. Só em 2018, foram 83 apresentações. O show no Opinião já é o 16º do ano sob o comando de Biff Byford

<sup>38</sup> Movimento musical surgido na Inglaterra entre os anos 1970 e 1980. Apesar do nome, se espalhou pela Europa e pelo mundo. Iron Maiden, Judas Priest, Venom, Def Leppard, Motörhead e Saxon são considerados grandes expoentes do N.W.O.B.H.M.

(vocal) e Paul Quinn (guitarra), os únicos remanescentes da formação original. Nigel Glockler (bateria) está nas fileiras da banda desde 1982 e, entre idas e vindas, há uma década e meia, está fixado nessa posição. Nibs Carter (baixo) e Doug Scarratt (guitarra) completam a atual formação.

O show começa com “Thunderbolt”, faixa que também dá nome à turnê e apresenta o Saxon na sua melhor forma — o permanente matraquear dos riffs de guitarras e a poderosa voz de Biff proferindo ditames mitológicos: “Cerberus in the underworld guards the gates of hell”<sup>39</sup>, um regresso à consagrada cartilha na qual o heavy metal inevitavelmente se debruça. “Sacrifice” evoca a abordagem saxônica, com destaque para o agudo final de Biff, uma demonstração de que a garganta do velho general continua afiadíssima. Talvez alguns não saibam, mas as próximas três músicas que iremos ouvir praticamente definiram o N.W.O.B.H.M. De todo modo, o vocalista avisa que lá vem chumbo grosso pela frente. Doug Scarratt abre um sorriso, coloca a botina no retorno<sup>40</sup> e dispara o riff destruidor de “Wheels of Steel”, simplesmente um dos maiores hinos do culto à estrada e à velocidade: “When my foot’s on the throttle / There’s no looking back”<sup>41</sup>. O tema sempre foi um dos instantâneos catárticos das apresentações do Saxon, exemplo fiel de como o grupo flerta diretamente com o hard rock dos anos 1970, mas também dá um passo à frente. Em 2019, “Wheels” ressoa ainda mais pesada: “Talking ‘bout my wheels of steeeeel!”<sup>42</sup>

A truculência policial é o tema de “Strong Arm of the Law”, com o poder de guitarras provocando um ruidoso troar pela parede de amplificadores Marshall que compõem<sup>43</sup> o backline. O clichê dos clichês num show do Saxon, “Denim & Leather”, ganha o coro de cerca de mil espectadores. A levada de bateria de Nigel Glockler é acompanhada por palmas, com o saltitante Nibbs Carter pendurado num dos PAs<sup>44</sup>, mas que sempre retorna ao microfone para colocar seus vocais de apoio a tempo no refrão.

Apreciadores da temática anglo-saxã ligada à idade média vibram com “Battering Ram”, faixa do álbum homônimo lançado em 2015, uma pancada que expõe o viço das canções recentes do grupo. Pinçadas dos primórdios do Saxon, “Rainbow Theme/Frozen Rainbow” e “Backs to the Wall” estão revigoradas. É impressionante assistir a Nigel Glockler demolindo as peles e articulando viradas espetaculares, iguaizinhas às que ouvimos nos discos. “They Played Rock and Roll”, homenagem de Biff ao amigo Lemmy<sup>45</sup>, é um aperitivo do trabalho mais recente, e nos lembra da finitude de nossos ídolos, mortais como qualquer

<sup>39</sup> “No submundo, Cerberus protege os portões do inferno” (NT).

<sup>40</sup> Caixas de som destinadas aos artistas no palco.

<sup>41</sup> “Quando coloco meu pé no acelerador / Não há como olhar para trás” (NT).

<sup>42</sup> “Eu estou falando sobre minhas rodas de aço” (NT).

<sup>43</sup> Equipamentos para os músicos utilizarem no palco.

<sup>44</sup> Public Address refere-se às caixas de som cuja intenção principal é o som destinado ao público.

<sup>45</sup> Lemmy Kilmister (1945-2015), líder do Motörhead e amigo de Biff Byford por 36 anos.

ser humano, imortais em suas obras. “Power and the Glory” recoloca toda a massa para sacudir o esqueleto, com novo show particular de Glockler. Basta ouvir os primeiros segundos, e estou de volta à adolescência.

Chega o momento da turnê em que Biff conversa com os fãs e deixa que eles definam a próxima canção a ser apresentada, e a escolhida foi “Ride Like the Wind”, uma releitura de Christopher Cross e música que dá nome ao álbum de 1988. Nada como o passar do tempo, pois, na época, a escolha causou protestos de muitos fãs, mas, hoje, reluz necessária e vitoriosa como nunca. O próprio público certifica essa sensação quando a canta a todos os pulmões. “Broken Heroes” está nessa mesma via, encravada no contestado “Innocence Is No Excuse” (1986), LP que marca o declínio da banda após anos de glória. É incrível, mas a perspectiva de olhar pelo retrovisor joga a favor de certas canções, e é o caso dessa. Biff canta macio, o grupo baixa a crista, e a dinâmica de uma quase balada se impõe.

Eles desfilam velozes e furiosos como uma gangue de motociclistas em “Motorcycle Man”, que ganha a pista livre no palco do Opinião. Precisos nas construções rítmicas, Paul Quinn e Doug Scarratt dividem bases e solos. É o clássico dos clássicos do Saxon. “747 Strangers in the Night” foi uma das primeiras músicas a colocar a New Wave of British Heavy Metal nas rádios inglesas. Mais pesada e mais rápida, mas ainda fiel à original gravada em 1981, ela induz à comoção. Breve intervalo, Biff autografa alguns LPs para apressados fãs que estendem as capas dos álbuns até suas mãos. “The Band Played On” é reconhecida no ato pela massa, e, à sombra desse impacto, um amigo que assiste ao show bem ao meu lado, Alfredo Giardin, vai às lágrimas. A música retrata a comoção do Saxon ao se apresentar pela primeira vez no Festival Monsters of Rock, em Donington Park, Leicestershire, Inglaterra (1980). É também o seu maior hit em todos os tempos (chegou à 12ª posição nas paradas britânicas) e emana a irmandade que muitas vezes se forja nos festivais e eventos de rock. Uma vibração semelhante pode ser sentida no Opinião, aquele sopro de ar puro, prova de que todos estamos torcendo para o mesmo ‘time’. Tenha certeza, poucos encontros conseguem polinizar essa impressão como os shows de metal.

“Lion Heart”, homenageia Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, conhecido por sua grande reputação como guerreiro e líder militar. Uma canção épica com a digital saxônica, que ao vivo ainda se impõe como emblema britânico. Um fã bem em frente ao palco grita: “Dallas!”, em referência a “Dallas 1PM”, hit absoluto do álbum “Strong Arm of the Law”. Fanfarrão, Biff amassa o setlist e de brincadeira o mastiga, para logo depois o cuspir. Contraria o pedido e ouvimos “To Hell and Back Again”, que nos atropela com seu exército de guitarras. Em seguida, Biff pisca o olho de pirraça para Doug, olha para Nigel, e o enredo inicial é produzido pelo baixo e bateria, além do dramático emaranhado de riffs dos guitarristas. “Dallas 1PM” é tocada – eterna reflexão sobre a morte de John F. Kennedy (os ingleses retornam às 13 horas do dia 22 de novembro de 1963, quando o Presidente norte-americano foi assassinado).

As Cruzadas (1096-1270) designam movimentos militares de inspiração cristã que partiram da Europa Ocidental em direção à Terra Santa e à cidade de Jerusalém com o intuito de conquistá-las, ocupá-las e mantê-las sob domínio cristão. Há sentido nisso? Na música há — “Crusader” é Saxon até a